

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

COM A LINHA DE SOMBRA

24 de Setembro de 2020

A SANTA ALIANÇA / 1977

um filme de EDUARDO GEADA

Realização, Argumento e Montagem: Eduardo Geada *Diálogos:* Eduardo Geada, Gonsalves Preto, Manuel Machado da Luz *Direcção de Fotografia:* Manuel Costa e Silva *Som:* João Carlos Gorjão *Operador de Imagem:* Francisco Silva *Música:* Pedro Osório *Canções (letra):* Gonsalves Preto *Décors e Guarda-roupa:* José Costa Reis *Caracterização:* Conceição Madureira *Assistente de realização:* Gonsalves Preto *Interpretação:* Henrique Viana (José Saraiva), Lia Gama (Maria), Io Apolloni (Sandra), Helena Isabel (modelo), Paulo Duarte (Pedro), Cândido Mota (reitor), Adelaide João (parteira), Maria (criada), David Silva (banqueiro Saraiva), Teresa Roby, Isabel Branco, etc.

Produção: Instituto Português de Cinema/IPC (Portugal, 1977) *Director de Produção:* Marcílio Krieger *Estreia comercial em Portugal:* 20 de Novembro de 1980, no City Cine (Lisboa) *Exibido no Festival de Cannes (Quinzena dos Realizadores) em 1978 Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP (digitalização recente a partir dos materiais 35 mm preservados em 2005), cor, 119 minutos.

COM A PRESENÇA DE EDUARDO GEADA

A SANTA ALIANÇA foi a terceira longa-metragem de Eduardo Geada, seguindo-se a *SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL* (1974) e *O FUNERAL DO PATRÃO* (1975). Na filmografia portuguesa enquadra-se na corrente de ficção que em meados dos anos 70 seguiu o rasto dos filmes de militância política a que Abril de 1974 abriu caminho e a que sobretudo os filmes de raiz documental deram forma. Guardando da época os sinais e, mais do que isso, construindo-se neles, ou a partir deles, A SANTA ALIANÇA apresenta hoje um curioso e não negligenciável aspecto documental, aquele que o inscreve como um filme indissociável da sua época.

A SANTA ALIANÇA parte dela construindo-se como um encenação dela: assim se pode interpretar o sentido de um filme cuja acção se situa no Portugal contemporâneo do seu ano de produção abrindo com uma citação de Marx e Engels em epígrafe em que se alude ao “fantasma do comunismo” como ameaça à Europa e à necessidade de uma “santa aliança para combater esse fantasma” num plano a que se segue o correr de uma cortina vermelha (elemento recorrente ao longo do filme). Sinalizada por esse correr de cortina, que simultaneamente inscreve A SANTA ALIANÇA no espaço da representação e está justificado pela própria trama narrativa de um argumento que integra os bastidores do mundo do espectáculo alfacinha, fica dada a ordem de comando. Como se ficasse dito, “Acção!”

Segue-se A SANTA ALIANÇA, título intencionalmente irónico para uma história inscrita entre o universo da alta finança reaccionária (representada na família dos Saraiva, com a personagem do banqueiro que Henrique Viana interpreta à cabeça) e o universo artístico de esquerda que contra ele supostamente luta mas que com ele mantém alguma convivência (a companhia do Parque Mayer, em que se destaca a personagem progressista de Io Apolloni, Sandra). Entre eles, a personagem da modelo interpretada por Helena Isabel, Madalena, amante ocasional do banqueiro que vive com

um músico (personagem ausente do filme) representa uma facção mais parda, de certo modo um terceiro vértice da geometria social desenhada.

A SANTA ALIANÇA trata de um retrato social, a visão do estado das coisas é dada por recurso a um, digamos assim, campo, contra-campo que confronta duas realidades de referentes sociais e políticos distintos e nesse ponto incompatíveis: veja-se como a raiva de Saraiva, quando num dos primeiros planos rasga o cartaz comunista colado na parede do prédio onde vive a personagem de Helena Isabel, não deixa margem para dúvidas e tem um *raccord* mais violento numa das cenas finais, em que agride fisicamente Sandra, no camarim dela, usando nada menos do que a bandeira do Partido Comunista Português com a qual vai desferindo golpes na mulher estendida no chão. A cena rima aliás com um dos planos mais *empenhados* do filme, com Sandra, no final da primeira representação da peça do colectivo teatral, a retirar a maquilhagem de palhaço pobre em grande plano em frente ao espelho. O gesto de Sandra é acompanhado de um monólogo cujo destinatário directo é Saraiva, não certamente por acaso colocado fora de campo dando-lhe a ela primazia da imagem e do discurso.

Se Sandra serve de contraponto a Saraiva, a mulher deste, Maria, a personagem de Lia Gama, é o seu reflexo antagónico, representando o papel da submissa, sofredora e silenciosa que estava reservado à mulher segundo o esquema salazarista da “sagrada família” (o discurso do padre quando Maria procura conforto na confissão é esclarecedora). O curioso é que mesmo esta, no seu mutismo e na sua submissão, toma também ela nas mãos o próprio destino contra o marido e contra as convenções sociais (a questão do aborto). Mesmo que o faça clandestinamente e tenha de pagar um preço tão alto como aquele com que, pela morte accidental, encerra contas com a vida e sai de cena.

Em termos de contexto, a questão de A SANTA ALIANÇA pretende-se urbana e os movimentos das personagens partilham o ponto da representação, sendo esta entendida no seu sentido literal no que ao grupo de teatro de revista diz respeito (ensaiam uma peça no Parque Mayer cujo teatro acabam por ocupar contrariando as intenções do empresário e do autor do texto) e no sentido figurado no que respeita ao “palco” das personagens da família abastada e reaccionária em que o que impera é o jogo da hipocrisia consentida que, como o dinheiro a ela inerente, tudo comanda. Não espanta assim que além da casa de família dos Saraiva e do escritório da baixa lisboeta do banqueiro, o resto do fundamental da acção se passe justamente em palcos. O do teatro de revista no Parque Mayer e o dos estúdios da Tobis onde os *plateaux* de cinema são evocados.

Maria João Madeira